

Resenha do CANCLINI, Néstor Garcia. Cidadãos substituídos por algoritmos. São Paulo: EdUSP, 2021, 212p.

Breno Rodrigo de Oliveira Alencar  

breno.alencar@ifpa.edu.br

Instituto Federal do Pará - IFPA

Christiane do Socorro Ramos dos Santos  

ramoschristiane4@gmail.com.

Instituto Federal do Pará - IFPA

Resumo

Esta resenha aborda a obra "Cidadãos Substituídos por Algoritmos" de Néstor García Canclini, cujo objetivo é demonstrar que, no estado atual, o uso de redes sociais em massa, com consciência e engajamento político, funciona como uma nova forma de exercício da cidadania. Ao longo do livro, o autor dialoga sobre a maneira pela qual a mobilização pelas redes já propiciaram importantes embates revolucionários neste século. Dessa forma, a obra apresenta uma perspectiva bastante positiva do uso da tecnologia, sendo ela capaz, inclusive, de formatar novas formas de participação social que estão além da mobilização partidária.

Palavras-chave

Cidadania. Algoritmos. Redes Sociais.

Abstract

This review deals with the book "Citizens Replaced by Algorithms" by Néstor García Canclini, whose aim is to demonstrate that, in the current state of affairs, the use of social networks en masse, with awareness and political engagement, functions as a new way of exercising citizenship. Throughout the book, the author discusses how mobilization through networks has already led to important revolutionary clashes in this century. In this way, the book presents a very positive perspective on the use of technology, which is even capable of shaping new forms of social participation that go beyond party mobilization.

Keywords


Citizenship. Algorithms. Social Networks.

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 12/10/2023

Aprovação do trabalho: 22/02/2024

Publicação do trabalho: 14/05/2024

 10.46230/2674-8266-15-11711

COMO CITAR

CANCLINI, Néstor Garcia. Cidadãos substituídos por algoritmos. São Paulo: EdUSP, 2021, 212p. Resenha de: ALENCAR, Breno Rodrigo de Oliveira; SANTOS, Christiane do Socorro Ramos dos. **Revista Linguagem em Foco**, v.15, n.3, 2023, p. 168-174. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/11711>.

Ser cidadão já não significa o que se imaginava em etapas anteriores do capitalismo. Vivemos hoje outro modo de entender a política, momento em que se desfazem os acordos entre Estados, empresas e direitos sociais que davam sentido à concepção moderna e democrática da cidadania. (CANCLINI, 2021, p. 45-46).

A obra *“Cidadãos Substituídos por Algoritmos”*, de Néstor García Canclini, apresenta-se como um diagnóstico da conjuntura da vida cidadã mediada pelas redes sociais. Embora exista quem considere as interações conectadas uma forma de interação líquida à maneira de Bauman (2016), Canclini, por sua vez, destaca o uso de mídias em práticas de engajamento político. Esta obra foi publicada pela editora da Universidade de São Paulo, em 2021, e traduzida por Diego A. Molina.

Néstor Canclini, é antropólogo e pesquisador ligado à Universidade Autônoma Metropolitana, (Iztapalapa, na Cidade do México), e escreve sobre temas como cultura, política, identidade e globalização. Ele é conhecido por sua análise das práticas culturais na América Latina e suas relações com o poder político e os processos de transformação social. Alguns de seus livros mais conhecidos incluem *“Consumidores e Cidadãos: Conflitos Multiculturais da Globalização”* (1995) e *“Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade”* (2011).

Nesta publicação, o objetivo de Canclini é demonstrar que, na contemporaneidade, o uso de redes sociais em massa, com consciência e engajamento político funciona como uma nova forma de exercício da cidadania. Ao longo do livro, o autor dialoga sobre a maneira pela qual a mobilização pelas redes já propiciou importantes embates revolucionários neste século. Dessa forma, a obra apresenta uma perspectiva bastante positiva do uso da tecnologia, sendo ela capaz, inclusive, de formatar novas formas de participação social que estão além da mera mobilização partidária.

O título do livro, talvez, não revele muito de seu conteúdo e também, sugere uma espécie de cristalização/reificação dos sujeitos diante da midiaticização. Ao determinar que os cidadãos estão sendo substituídos por algoritmos, a primeira impressão é de que perdemos nossa capacidade de agenciamento. Ou seja, fomos transformados em números sem vida, seres letárgicos.

O livro possui, ao todo, oito capítulos. No capítulo I, a título introdutório, o autor descreve a situação política da cidadania nos Estados nacionais. O conteúdo, no entanto, mostra a discussão do conceito de *“descidadanização”* (CANCLINI, p. 20), que pode ser considerado uma transformação semântica e de ação

social do que significa cidadania em um mundo cada vez mais informal.

A *descidadanização* para Canclini, diferente do que se possa imaginar, não significa o definhamento da cidadania, mas representa o processo de mutação que a acomete diante da condição cada vez mais virtual de nosso tempo. Significa dizer que os sujeitos, por vezes, sentem-se menos partícipes da democracia representativa e visualizam novas formas de engajamento social, tais como mobilizações por meio de grupos em aplicativos de conversa, comunidades em redes sociais e conferências via meios digitais. No entanto, entidades como o Estado e empresas de armazenamento de informações capturam, de formas imperceptíveis, nossos dados, tornando-nos menos livres. De acordo com as palavras do autor, "Quando falo em descidadanização, refiro-me a uma perda, ou várias [...], e não a que os exercícios cidadãos desapareçam" (Canclini, 2021, p. 21).

Canclini não toma a *descidadanização* como a perda total de direitos constitucionais ou de exercício de poder. Mas, diante da deterioração da prática cidadã, aborda uma transformação na forma de atuação da cidadania tradicional. Os partidos políticos, na perspectiva dele, são formas mais arcaicas de participação política que ainda permanecem em seu modo de atuação. As militâncias, que antes estavam intimamente ligadas à atuação desses organismos, atualmente podem exercer grande engajamento longe das amarras desses organismos políticos.

Do capítulo II ao V, Canclini destaca o angustiante mal-estar experimentado pelos cidadãos diante de uma democracia representativa, que, ironicamente, não representa os interesses dos cidadãos. O exercício da cidadania vai além da política partidária e está relacionada cada vez mais ao profundo ambiente cibernético.

Ele define a situação contemporânea como "capitalismo eletrônico". Ou seja, a monopolização e acúmulo de informações por parte de grandes corporações que armazenam nossas informações pessoais, como o Google, por exemplo. Como todo o tipo de capitalismo, a configuração atual é fomentadora da exploração neoliberal dos sujeitos inseridos dentro do ciberespaço, gerando e reforçando desigualdades sociais, culturais e tecnológicas. Nossa capacidade de agir e pensar é capturada por esses conglomerados, cujos objetivos são criar corpos dóceis, da maneira como pensou Michel Foucault. Os usuários passam a figurar, portanto, como consumidores submetidos, dominados, governados pelos interesses de quem adquire o acesso aos seus dados pessoais, interesses e inclinações ideológicas.

Devido a isso, o exercício da cidadania nesse ambiente informacional ape-

nas pode ser visualizado pelo que chama de *hacking*: insurgência. Logo, usar os meios informacionais em benefício da comunidade e contra os interesses de grandes empresas que dominam o Estado a partir do monopólio tecnopolítico do mercado. Nesse sentido, há uma grande controvérsia. Canclini propõe que, para combater os excessos das *bigtechs*, é necessário fazer uso do espaço que elas controlam, assim, montando uma espécie de rebelião por meio de aplicativos alternativos. No entanto, é possível apontar inconsistências nessa reflexão, pois não é garantido que a intencionalidade desses apps menores seja libertar os usuários das amarras dos conglomerados tecnológicos. Pelo contrário, esses aplicativos alternativos, inseridos no ambiente capitalista tecnológico, podem ter a intenção de fornecer dados pessoais às grandes empresas.

No capítulo VI, diante da constatação de que, no contexto capitalista atual, somos monitorados e nossas escolhas dentro do ambiente cibernético, nossos dados acabam por se transformar em capital informacional. Devido a isso, essa proposta de insurgência usando o que ele considera *recursos alternativos*. Ou seja, softwares, aplicativos, sites, recursos ou qualquer outro meio cibernético de coleta e armazenamento de informações pessoais, como o já citado Google, mas também o Facebook e a Amazon. Um desses recursos são os aplicativos com criptografia de ponta-a-ponta, e cita constantemente o Telegram como exemplo. Mistura-se a esse recurso a desnaturalização de formas de vigilância de comunicação e distribuição de informações, a criação de portais de notícia e produção de vídeos independentes.

No Capítulo VII, o estudioso destaca que, embora façamos parte desse espaço tecnológico, sabemos que somos vigiados constantemente, percepção próxima à sociedade de controle descrita por Gilles Deleuze (1992). Na era digital, os sujeitos não são mais governados por meio da punição corporal, como acontecia na sociedade disciplinar em Michel Foucault (1987). O aprisionamento ocorre a partir da *modulação* - o governo das emoções e dos interesses -. A máquina é ensinada por meio de curtidas, comentários, buscas, oferecendo conteúdos de interesse do usuário, fazendo-o permanecer aprisionado no aplicativo durante horas. Não somos livres e isso gera mal-estar. É uma situação contraditória. A transformação do pensar sobre a cidadania nasce justamente dessa situação angustiante, da tentativa de reverter esse quadro doentio de monitoramento. Mas, para que essa transformação ocorra, é necessário que haja uma tomada de consciência por parte dos sujeitos para as grandes questões informacionais do nosso tempo.

O Capítulo VIII versa sobre como se emancipar desse capitalismo eletrôni-

co. Desta forma, é necessário deixar para trás a perspectiva semântica e de ação no ciberespaço do usuário, como modelo passivo de subjetividade atual e ir em busca de uma utilização mais engajada. Esta é, talvez, a parte mais importante da obra e discute questões como o que se pode conhecer neste mundo de interdependência informacional, o que se esperar e, por fim, escancarando o seu perfil antropológico, Canclini discute o que é ser Homem nessa cultura informatizada.

O livro destaca, portanto, e almeja ultrapassar a necessária discussão sobre como a tecnologia tem dominado o nosso tempo de vida. De acordo com a matéria da Revista Piauí, intitulada “*A era dos brasileiros hiperconectados*” (2023), assinada por Pedro Tavares e Renata Buono, o brasileiro passou cerca de nove horas e trinta e dois minutos por dia conectado durante o ano de 2022. Somado a isso, em outra matéria do G1, intitulada “*Brasileiros não se sentem representados por políticos em exercício*” [...], tem-se a confirmação do que Nestor Canclini discute, quando dados mostram que no ano de 2018, 96% da população nacional não se sentia representada por partidos políticos. Quando a democracia representativa demonstra seus limites e falhas, como neste caso do Brasil - e, segundo a perspectiva de Canclini, tem falhado em diversos Estados nacionais, não se trata de um fenômeno apenas nacional - cabe aos cidadãos o engajamento social e o exercício do poder político como ato de defesa das próprias demandas, distribuindo, assim, poderes que estavam concentrados nas mãos de partidos políticos para outras formas de organização da sociedade civil, que têm, muitas vezes, a internet como principal instrumento de atuação. Canclini desnuda, entretanto, o modo como a tecnologia não necessariamente nos torna inertes, mas como ela pode se tornar um instrumento de extrema importância para a percepção da participação política dos sujeitos dotados de direito, ou seja, como os cidadãos podem atuar de forma ativa nos contextos tecnopolíticos.

O trabalho de Canclini pode ser ingrato, mas extremamente necessário. Diz-se ingrato, pois estamos vivenciando, ainda, esse processo cibernético em vias de evolução, que pode tomar rumos diferentes de maneira imediata. O que ele constatou em 2021 durante o advento da pandemia de Covid-19 pode ganhar outros contornos em um futuro próximo. Ainda assim, *Cidadãos Substituídos por Algoritmos* é uma obra importantíssima para compreender as nossas relações e configurações sociais com as instituições estatais e privadas, bem como a forma como essas relações afetam o exercício de liberdades individuais no contexto tecnológico. Discutir a cidadania e o engajamento político na era digital é cada vez mais relevante, principalmente por conta da tendência alienante das novas tecnologias.

Não há, por enquanto, críticas a se fazer sobre a constatação do processo de *descidadanização* desvelada por Canclini. No entanto, cabe ao leitor refletir profundamente sobre o último capítulo do livro, que trata de emancipação e insurgência. Na crítica à hegemonia exercida por grandes empresas de armazenamento de dados, Canclini defende o uso de aplicativos alternativos, como o Telegram, que tem se inserido, frequentemente, em outras pautas polêmicas. Ao defender liberdades de expressão e defesa de dados dos usuários, o aplicativo tem dificultado investigações de práticas criminosas, inclusive relacionadas à pedofilia e crimes cibernéticos. Além disso, trata-se de uma empresa com grande faturamento, tão capitalista quanto o Google. Além disso, esses aplicativos ainda servem como espaços de disseminação de práticas extremistas de grupos neonazistas, por exemplo, como aponta Letícia Oliveira, jornalista e pesquisadora sobre neonazismo no Brasil, em uma entrevista à Folha de São Paulo, em 2023. De acordo com ela (2023), “Isso acontece porque não existe moderação ativa dessas plataformas. Precisamos de uma regulamentação das redes sociais para que as empresas sejam obrigadas a retirar esses conteúdos de circulação”. Nesse contexto, cabe a discussão atual sobre a regulação/regulamentação da internet no Brasil. “Aplicativos de insurgência”, como quer Canclini, seriam outras formas de captura de dados e manutenção do capitalismo eletrônico. Até que ponto o *hacking* determinado por Canclini é capaz de gerar segurança digital? Ou melhor, o *hacking* é, realmente, uma forma de responder à *descidadanização*?

A leitura desta obra é importante no meio acadêmico para trabalhos que pesquisam a conjuntura social e política permeada pela tecnologia. Os pesquisadores, talvez, se percam no emaranhado de suposições que buscam explicar os momentos atuais e Canclini, por sua vez, cunha termos, definições, fenômenos e os torna mais evidentes. Mas também é um escrito importante para pessoas leigas no assunto. Esta versão em português faz uso de uma linguagem clara e se distancia da expressão extremamente especializada e técnica da área da Tecnologia da Informação. Assim, os sujeitos, cidadãos, como deseja Canclini, terão em mãos uma espécie de manual de como exercer direitos em uma época de sequestro da expressão cidadã.

Referências

BUONO, R.; TAVARES, P. A era dos brasileiros interconectados. **Revista Piauí**, 2023. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/era-dos-brasileiros-hiperconectados/>. Acesso em 30 jan 2024.

G1. Brasileiros não se sentem representados por políticos em exercício, aponta pesquisa. **G1**, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/brasileiros-nao-se-sentem-representados-por-politicos-em-exercicio-aponta-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 30 jan. 2024.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EdUSP, 2011.

CANCLINI, N. G. **Cidadãos Substituídos por Algoritmos**. Trad.: Diego A. Molina. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021.

DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

OLIVEIRA, L. Bloqueio do Telegram cria barreiras, mas não impede organização de extremistas. **Folha de São Paulo**, 2023. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/04/bloqueio-do-telegram-cria-barreira-mas-nao-impede-organizacao-de-extremistas.shtml>. Acesso em 23 de setembro de 2024.

ZYGMUNT, B. "As redes sociais são uma armadilha". **El País**, Madrid, 09 jan. 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427_675885.html. Acesso em: 26 jun 2023.

Sobre os autores

Breno Rodrigo de Oliveira Alencar - Doutor em Sociologia e Antropologia. Mestre em Ciências Sociais. Professor do Colegiado de Licenciatura em História e Coordenador do Núcleo de Pesquisa em Educação e Cibercultura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA). Belém-PA. E-mail: breno.alencar@ifpa.edu.br Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4896717603786046>. OrcID <https://orcid.org/0000-0002-1194-8986>

Christiane do Socorro Ramos dos Santos - Mestranda no Programa de Pós-graduação em Letras na Universidade Federal do Pará (UFPA). Belém-PA. E-mail: ramoschristiane4@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5843472569336401>. OrcID: <https://orcid.org/0009-0003-5114-5621>.